

Operação Taquari 2: um mês de uma grande lição



» HERTZ PIRES DO NASCIMENTO
General de Exército e comandante conjunto da Operação Taquari 2

Nada detém a inexorável marcha do tempo. Tempo, este, que é relativo. O que pode ser muito e causar ansiedade para uns, pode ser pouco e passar despercebido para outros. Mas, independente do tamanho e dos sentimentos que provoque, é fato que o tempo nunca para.

Esse mesmo tempo nos faz completar nesta quinta-feira, 30 de maio, um mês da maior catástrofe natural da história do Rio Grande do Sul, uma das maiores do Brasil. É o maior sofrimento da vida de milhões de gaúchos, de imensurável impacto socioeconômico em todo o estado. O tempo será longo para recuperar e reconstruir, mas extremamente curto para agir e recomençar.

Quando o tempo piorou, no fim de abril, rapidamente mobilizamos todas as nossas tropas e unimos esforços com dezenas de agências e instituições, públicas e privadas, dos mais diversos ramos de atuação, cada uma com know-how em alguma demanda ou necessidade.

O Comando Conjunto da Operação Taquari 2 foi instalado em 30 de abril, em Porto Alegre, e, desde então, militares, policiais, bombeiros, autoridades civis, especialistas, agentes federais, estaduais e municipais trabalham sem parar. São mais de 30 mil bravos profissionais envolvidos em uma gigante força-tarefa, com comando, coordenação, planejamento e ação. Empregamos 3,7 mil viaturas, 75 aeronaves, 300 embarcações, nove navios, 12 hospitais de campanha, drones para localizar vítimas isoladas,

modernos equipamentos de engenharia e pessoal altamente capacitado.

Desde o início, o foco foi total em resgates e proteção da vida. Mais de 71 mil pessoas e 10,5 mil animais foram socorridos em 469 municípios. Em uma segunda fase, distribuimos provisões para pessoas e animais, com centenas de toneladas de alimentos, ração, água potável, remédios, roupas, colchões, cobertas, materiais de limpeza e higiene. Já em uma terceira fase, focamos na desobstrução de acessos e estradas, limpeza de escolas, sistema para purificação de água e ligações entre localidades, especialmente com pontes móveis, botes e passarelas de pedestres sobre cursos de água.

Tudo o Brasil se mobilizou para enviar doativos, equipes de resgate, equipamentos, aeronaves e veículos especializados. Também recebemos ajuda internacional de diversos países. Muitos desses heróis viajaram por longos dias e rodaram milhares de quilômetros até chegar aos mais isolados rincões do Rio Grande do Sul.

Todos se apresentaram como voluntários, deixaram as famílias em casa e trabalham incansavelmente, 24 horas por dia, sete dias por semana. Molhados, enlameados, dormindo pouco e comendo quando dava tempo. Mas sem cogitar qualquer hipótese de parar e totalmente empenhados na missão de salvar vidas e reconstruir um estado onde, muitos deles, nunca estiveram antes ou não têm qualquer vínculo familiar. Não tinham, pois, doravante, mais do que nunca, estão todos irmanados.

Nosso reconhecimento pelo incansável empenho, coragem e resiliência na nobre ação de salvar irmãos. Igualmente, ressaltamos o importante papel da imprensa, que fez ecoar a verdade e despertou a atenção para a necessária mobilização de toda a nação.

O tempo será longo. Corremos contra ele. E ainda trabalharemos muito. Foi-se o tempo em que se fazia tudo sozinho. Não há tempo para protagonismo e vaidades. Nesta ímpia e injusta guerra, todos devem mostrar valor e constância. Passado o primeiro mês de operação, ficam vários sentimentos. Primeiro, e óbvio, o pesar pelas vidas ceifadas. Absolutamente nada se compara à dor de quem perdeu alguém na tragédia. Assim como é triste demais o prejuízo material de quem viu ser destruído tudo aquilo que conquistou com esforço durante toda a vida.

Mas esses 30 dias também nos deixam uma lição. O Brasil dá um imenso exemplo de união e solidariedade. A quantidade de doativos que chega ao Rio Grande do Sul é enorme, bem como a de voluntários a ajudam nesse esforço. No Comando Conjunto da Operação Taquari 2, a sinergia entre as instituições é admirável, cada uma dentro do seu segmento e especialidade, respeitando o tecnicismo e convergindo de maneira dinâmica e profissional.

Que a tragédia nos engrandeca, fortaleça nossa união, eleve nossa fé em Deus e nossa confiança nas agências, instituições e na força do voluntariado. E que nossas façanhas continuem servindo de modelo a toda a Terra.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Levados pelo vento

É sabido que as grandes empresas nacionais e também aquelas sediadas no país são obrigadas, pelas circunstâncias burocráticas relativas ao pagamento de uma série de impostos, taxas, contribuições e outros infinitos encargos, a criarem um departamento exclusivo apenas para lidar com essas obrigações.

Outras têm, ainda, que recorrer a empresas especializadas em contabilidade e pagamentos de obrigações (trabalhistas e outras) apenas para ficarem em dia com o Fisco e outras instituições do Estado. É todo um complexo labirinto burocrático de obrigações que vão se somando à medida que novas regras vão sendo postas. Com isso, fica claro que empreender no Brasil também não é para amadores.

O intrincado corredor polonês de regras acaba levando muitos para a informalidade ou simplesmente a optar por driblar essas regras, sonegando, subfaturando e montando outras estratégias para livrar-se de tantas cobranças. Não é por outro motivo que muitas empresas nacionais e estrangeiras simplesmente escolhem não abrir negócios em nosso país. Há excesso de governo, de leis e de encargos e pouquíssima liberdade de empreendimento. Tudo parece ter sido montado para travancar a iniciativa privada, ao mesmo tempo em que facilita ao Estado empreender em áreas que não lhe dizem respeito ou, ao menos, não são de sua competência.

Com uma estrutura dessa natureza, restritiva e opressora e abertamente contra o livre empreendedorismo, não estranha que a produção nacional de bens e de geração de empregos do país apareça sempre na rabeira do mundo desenvolvido. Também a questão da justiça tributária, que acabaria com o escandaloso processo de concentração de renda, nunca é posta em prática, pois a parte economicamente poderosa e encastelada no poder não deseja tal medida.

Os chamados “campeões nacionais” e todos aqueles que encontraram na proximidade com o governo um meio para escapar da sanha do Estado não têm preocupação com coisas como tributos ou impostos. Tudo isso parece ser resolvido com generosas doações ao governo e ao seu partido. Mesmo aqueles grandes empresários metidos até as orelhas em questões de corrupção, que obrigaram a mudar até os nomes de suas empresas, aparecem hoje em reuniões com o governo, decidindo os rumos do país, como se nada tivesse ocorrido num passado recente.

Diante do exposto, torna-se até surreal, entre nós, falar em justiça tributária. De fato, não há justiça tributária neste país, nem nunca houve. A recente Reforma Tributária, aprovada pelo Congresso, ainda passa longe dessa questão. Essa e outras questões pertinentes à carga tributária ganham ainda mais entaves e empecilhos quando se observa que o atual governo, por razões que não interessam agora, busca desesperadamente meios de arrecadar cada vez mais, apenas para cobrir os rombos nas contas públicas provocados por sua esquizofrenia política em gastar, deslocada de projetos bem elaborados.

Gasta-se apenas por motivação política, e isso não tem como dar certo. A multiplicidade de tributação no consumo, embutida nos preços de absolutamente todos produtos adquiridos, torna o brasileiro comum não um consumidor típico, desses que existem em todas as partes do mundo, mas um pagador de impostos ou consumidor perpétuo de impostos. Transformassem os impostos atuais em calorias, todos os brasileiros seriam obesos mórbidos. Viver no Brasil é pagar impostos que, depois, somem no ar, levados pelo vento.

» A frase que foi pronunciada:

“Nada no mundo é certo, exceto a morte e o pagamento de impostos.”

Benjamin Franklin

» História de Brasília

Estão falando que o barraco da escola do “Gavião” será transformado na sede do “Cruzeiro”. Para melhor dizer a verdade, seria conveniente que fosse destruído para não ficar nem a lembrança da escola que martirizou os alunos na Cidade do Século. (Publicada em 8/4/1962)

Polinização, o que você tem a ver com isso?

- » HÉLDERNAGAI CONSOLARO — Universidade Federal de Catalão (UFCAT)/RedeBiota Cerrado
» RAPHAELMATIAS — Universidade Federal de Jataí (UFJ)/Rede Biota Cerrado
» ANTÔNIO JOSÉ CAMILLO DE AGUIAR — Universidade de Brasília (UnB)/Rede Biota Cerrado
» DANIELLUÍS MASCIA VIEIRA — Embrapa Cenargen/Rede Biota Cerrado

A pergunta do título, inicialmente, pode não fazer muito sentido, pois a polinização parece um termo distante do cotidiano, porém isso não é bem assim. A polinização é uma das etapas da reprodução das plantas, tal como ocorre no pequi e na araucária, como também no tomateiro, na laranja e outras espécies alimentícias. Na polinização da laranjeira, as flores atraem abelhas que irão se alimentar do néctar e, involuntariamente, acabam polinizando e produzindo alimento para nós, humanos. A polinização pode ser considerada o passo inicial na manutenção de um ecossistema e na recuperação de áreas degradadas, como também uma etapa crucial da segurança alimentar dos seres humanos. É somente após a polinização que os frutos e/ou sementes são formados e, conseqüentemente, ocorrerá a germinação e a formação de uma nova planta. É importante dizer que 94% das plantas de regiões tropicais são polinizadas por animais. No Cerrado não é diferente, pois cerca de 80-95% das plantas dependem de animais para a polinização. Portanto, muito embora a polinização pareça não nos atingir diretamente, ela traz grandes benefícios à humanidade, pois é dela que vem grande parte do nosso alimento. Por isso, a polinização é considerada como um serviço ecossistêmico.

A diversidade de polinizadores nativos impacta nossa agricultura, que representa a maior porcentagem do PIB do Brasil. Soja, café, laranja,

algodão e feijão, são exemplos de culturas beneficiadas pela polinização por animais, sobretudo, por abelhas nativas. São estimados entre 7% e 40% de incremento na produção de algumas monoculturas quando a polinização por abelhas acontece adequadamente. Infelizmente, em monoculturas que o entorno da lavoura está degradado e os polinizadores são escassos, por exemplo no maracujá, o produtor tem que contratar mão de obra de pessoas para realizar a polinização manual das flores. Entretanto, é sabido que na polinização natural, feita por animais, os frutos são mais saudáveis e comercialmente mais viáveis em 70% das culturas, gerando mais renda ao produtor e mais alimento para a população.

Setenta e cinco por cento da polinização de plantas agrícolas é realizada por insetos, e também por beija-flores e morcegos, os quais são altamente vulneráveis à degradação ambiental. O Relatório Temático sobre Polinização, Polinizadores e Produção de Alimentos no Brasil, de 2019, estimou um valor global da polinização entre US\$ 235 e US\$ 577 bilhões, enquanto no Brasil seria um valor anual de US\$ 12 bilhões. Assim, a perda dos polinizadores no mundo levaria à redução da produção e à elevação dos preços dos alimentos, o que impactaria a segurança alimentar de milhões de pessoas, sobretudo, das populações mais pobres. Pode ainda levar a uma queda do sistema imunológico da

população, devido a diminuição das vitaminas nas frutas.

O Cerrado se encontra sob grave ameaça, principalmente pela mudança no uso da terra e perda de habitat, podendo afetar negativamente a produção de alimentos. Por isso, são relevantes as iniciativas que buscam restabelecer a diversidade da flora e fauna do bioma para manutenção dos serviços ecossistêmicos, como aquele realizado pelos polinizadores. Hoje, existe uma demanda de um bilhão de hectares de áreas degradadas para ser restaurada no mundo, sendo uma oportunidade para associar os esforços de restauração com o restabelecimento e fortalecimento de serviços ecossistêmicos. Assim, levar em consideração os serviços de polinização nas iniciativas de restauração é fundamental para motivar mudanças nas práticas agrícolas. É sabido que a presença de polinizadores nativos, a proximidade das lavouras com áreas preservadas e uma paisagem mais heterogênea aumentam diretamente a produtividade das culturas e diminui a pressão para o desmatamento. Iniciativas como as da Rede Biota Cerrado, que engloba vários pesquisadores de diferentes universidades e institutos de pesquisa, são valiosas e devem ser fomentadas pelo poder público e privado, uma vez que visam justamente a incorporação da realidade do Cerrado na busca de soluções sustentáveis ao bem-estar humano.